

“São muito povoados de gentios, que são de maior importância que as próprias minas do Potosi, que com muito afeto desejam e podem nossa Santa Fé. E sendo o principal intento conduzi-los a ela, pois é o principal título



que com estas terras se possuem, será nosso Senhor servido dar por este caminho (o Rio Amazonas) grandíssimas riquezas à Espanha (...)

Trecho da carta do conquistador Simão Estácio da Silveira, em 1626, dirigida ao rei da Espanha, alertando para as riquezas da região e sobre os quais os índios tinham conhecimento.

SITUAÇÃO DIFÍCIL – ÚLTIMA PARTE

# Apurinãs ainda em decadência

Fotos: AC

**CONSIDERADO O MAIOR GRUPO ÉTNICO DO PAÍS E O QUE DETEVE O MAIOR TERRITÓRIO, HOJE O POVO SOBREVIVE EM PEQUENAS ÁREAS SEM MUITA ESPERANÇA**

ORLANDO FARIAS

**R**IO BRANCO, AC, – Uma das tribos mais populosas do Brasil – a dos apurinãs, que habitam o Acre e o Amazonas, com cerca de 6 mil índios, é um retrato fiel de como essas comunidades, nos 500 Anos de Descoberta, caminham com dificuldade para afirmar o Brasil verde-amarelo com cara e alma de índio. A escolha dos apurinãs como exemplo não se dá por acaso.

A tribo já foi considerada o maior grupo étnico de toda a Amazônia, dono da maior área de terra e do que houve de maior riqueza na região, os seringais, que criaram uma incrível fase de ouro no início do século nas cidades amazônicas, como Belém e Manaus.

Muitos anos após o contato com as várias frentes de penetração econômica, os apurinãs são considerados hoje, na escala das grandes tribos, os índios em situação mais difícil em toda a Amazônia, ao lado dos ianomâmis. O problema é que, enquanto os últimos possuem uma área demarcada de 9,4 milhões de hectares, os apurinãs – que são mais populosos (5 mil no total, mil a mais do que o outro) – moram em 17 áreas diminutas, que



**DISTÂNCIA** Família numerosa de nativos no Acre demonstra que nos 500 Anos de Descoberta, o Brasil está longe dos traços indígenas

reunidas não representam 10% do total do território ianomâmi.

Quando o primeiro conquistador desbravou o rio Purus, no século 18, os primeiros índios a serem contactados foram exatamente os apurinãs, que passaram a ser de guias e mão-de-obra servil. Sofreram massacres tanto nos beiradões como nos seringais, mas conseguiram sobreviver e hoje estão vivos para contar a história.

O problema, segundo o adminis-

trador da Funai em Rio Branco (AC), antropólogo Antônio Pereira Neto, 35, é que os índios da tribo vivem na atualidade a mais séria crise dos últimos anos, com a intensificação de doença nas comunidades, com o recuo na questão educacional e com a crescente perda de qualidade de vida em suas reservas. A situação é tão grave que as lideranças das 17 áreas estão pedindo socorro em várias frentes governamentais e

não-governamentais tentando deter doenças graves, como a hepatite e a malária, por exemplo, e tentar reativar as escolas indígenas.

A principal ameaça contra os apurinãs é de outra ordem: o preconceito arraigado culturalmente nas populações do Vale do Juruá, que faz desses índios quase um pária na sociedade. “É um preconceito muito estúpido com o apurinã”, diz o antropólogo, lembrando que a tribo tem uma chance muito

grande de conseguir elevar a sua qualidade de vida. “Ela mantém a sua língua tradicional e seus costumes”, diz Antônio Neto, recordando a sua rica cultura e os vários estágios de contato em que se encontram suas comunidades.

“É possível encontrar comunidades com contato muito avançado com a sociedade nacional e comunidades ainda muito primitivas, que vivem nuas no meio da mata”, diz o antropólogo.

## Alcoolismo domina dows

Os índios da tribo Dow (Camã) de São-Gabriel da Cachoeira são uma prova de que a roda do destino não continua a girar inexoravelmente contra esses povos, condenados à extinção pelo alcoolismo, como se divulgou intensamente na década de 70, quando estavam reduzidos a apenas sete casais. Apesar de nem todos terem conseguido se libertar do vício do álcool (é possível ver alguns até hoje mendigando para comprar cachaça pelas ruas da cidade), os dows voltaram a fazer suas roças coletivas e ter famílias potencialmente grande.

A alegria que se flagra na reserva demarcada desses índios, em frente a São Gabriel da Cachoeira, é diametralmente oposta àquela situação de 20 anos atrás, quando todos os adultos, encharcados de álcool, caminhavam lentamente céleres para a morte: a maioria das crianças brinca a tarde inteira, após os estudos, em sua atividade esportiva predileta, o futebol.

Ao invés das 13 pessoas que existiam há 20 anos, agora eles são 50 no total. “Dezoito são adultos e um pouco mais de trinta são crianças”, conta o tuxaua Brasilino Mendes, de 26 anos, uma idade reveladora na trajetória da tribo. “São nós, jovens, que estamos assumindo o controle da tribo e revertendo para melhor o nosso destino”, lembrando que, assim, mais uma nação indígena está sendo afastada da extinção.

Brasilino admite que a mitologia do rio Negro concorreu, em parte, para condená-los ao longo processo de degeneração física e cultural, porque os dows acreditavam ter vindo ao mundo apenas para servir aos outros. A tribo recuperou o amor pelo trabalho e já não precisa mais mendigar para sobreviver. “Tudo o que produzimos de excedente vamos vender do outro lado do rio (na cidade)”, diz Brasilino. O outro grande inimigo da tribo está sendo posta pouco a pouco a noçante: as doenças endêmicas.

É que uma missão religiosa evangélica passou a prestar assistência médica sistemática aos índios, em convênio com a Funai, reduzindo drasticamente as mortes desse grupo.

## Justiça demora para a região

A Justiça na Amazônia é ainda muito lenta para julgar os crimes contra os índios. Quem diz é um documento da Coiab – entidade representativa dos índios na região, lembrando que, apenas nos últimos 30 anos, a Justiça obteve dados concretos de massacres perpetrados contra os índios isolados corubo, no Alto Solimões, contra os juma, do rio Purus, os uaimiris-atroaris, do Alalaú, e dos ticuna, no Alto Solimões.

Os dois últimos processos que tramitam na Justiça, em âmbito federal, são o perpetrado contra os ticunas, no lago Capacete, onde foram assassinados a tiros de espingardas 14 índios, em 1988. E outro de 1992, quando os corpos de três índios corubos foram localizados pela Funai e as pistas, através de relatos de moradores do rio Javari, indicaram que eles tinham sido chacinados por madeireiros.

Apesar da constante pressão internacional existente até hoje para a punição desses crimes, eles jamais foram a julgamento.

## Armas também atraem

Sofrendo um processo de militarização desde a década de 70, época do chamado milagre econômico e das grandes obras, como rodovias e hidrelétricas, o artesanato indígena em muitas cidades da Amazônia está passando a incluir entre as flechas e tacapes também as metralhadoras e fuzis dos militares.

A novidade pode ser identificada nas cidades de Tabatinga e Tefé, na região do Solimões, onde o Comando Militar da Amazônia (CMA) mantém duas de suas mais importantes bases militares na região.

A tendência mais marcante, porém, pode ser apreciada nas lojas

de artesanato de São Gabriel da Cachoeira, na fronteira do Brasil com Colômbia e Venezuela. Nas vitrines das duas lojas existentes (uma delas é mantida pelos próprios índios na sede da Federação Indígena do Rio Negro – Foirn), existem produtos artesanais com motivos militares em profusão.

São principalmente metralhadoras, fuzis e aviões militares. “Não se trata de militarização da arte indígena”, lembra a administradora da loja da Foirn, Marilene Baré. Os índios teriam passado a adotar os motivos militares por questões puramente comerciais.

## Educação precária

Para se ter uma idéia de como os índios apurinãs sofrem atualmente com a falta de escola, basta citar o fato de que 100% das crianças estão fora dos bancos escolares nas duas comunidades localizadas às margens da BR-317. As duas escolas existentes nos locais, construídas em madeira, estão apodrecendo de tão velhas.

Os recursos para o funcionamento da escola são repassados regularmente pelo Fundef, lembram as administrações da Funai em Rio Branco (AC) e Manaus (AM). Os professores que comandavam as turmas nas aldeias desistiram pelas dificuldades em receber seus parcos salários, na locomoção diária às aldeias e pela falta de material pedagógico, conforme alunos, Moradoras da reserva apurinã no

sentido de quem vai se carro a partir de Rio Branco, as adolescentes Bem-Vista, 12, e Cristina, 13, filhas do pajé das duas comunidades, Leôncio, elas passam a maior parte do dia sem fazer absolutamente nada. “Mesmo quando havia professor, ela funcionava precariamente”, diz Cristina.

No aspecto da saúde, a realidade também é caótica. Pedando sua bicicleta pela estrada – o principal meio de locomoção desses índios que trocaram a canoa pela estrada –, o agrote Genilton, 13, ainda estava com febre malárica quando foi localizado pelo repórter. Tinha feridas nos lábios provocadas pela febre alta e estava indo à casa do pajé Leôncio, buscar uma beberagem feita à base da planta Quinino para combater a doença.

## Líder reclama da estrada que invadiu as terras

Líder das duas comunidades estabelecidas ao longo da BR-317 (Rio Branco/AC-Boca do Acre/AM), Francisco Andrade de Souza Apurinã diz que morar à beira da estrada não tem ajudado muito os índios para se livrar das doenças e ter direito a escola. Morando em terras imemorais da tribo que foram cortadas pela BR-317, ele lamenta que tenha sido destinado tão pouco território aos índios: apenas 22 quilômetros quadrados.

Imprensados pelas fazendas de gado e plantação de soja e por latifúndios, os índios estão sendo alvos do preconceito implacável dos brancos. E isso desde que eles expulsaram de suas terras o fazendeiro João Sorbine, o “Cabeça Branca”, contra quem foi iniciada a tática dos seringueiros conhecida como “Empates” e comandada por Chico Mendes. Recentemente, um dos principais líderes apurinã, Geraldo Florentino (irmão do atual cacique) ficou preso dois anos e meio por um crime que não cometeu: a morte de um posseiro que morava ao lado da reserva. A apresentação do verdadeiro assassino não foi suficiente para tirar o índio da cadeia, o que só foi obtido através de uma vigorosa campanha de opinião

## PRECONCEITO IMPLACÁVEL



**POUCO** Francisco lamenta os 220 quilômetros quadrados de reserva

pública conduzida em seu favor. “Estamos sendo vítimas do ódio dos fazendeiros que querem as nossas terras”, diz o cacique, atestando que os índios são uma espécie de pedra no caminho para que muitas fazendas ampliem seus limites. Morrendo de malária e hepatite (uma criança de 2 anos faleceu na última segunda-feira na aldeia em consequência da última doença), os apurinãs dizem que o preconceito tem impedido que eles tenham acesso a ajuda governamentais. “Nós éramos os donos do rio Purus, construí-

mos grande parte de sua riqueza atual e somos abandonados à própria sorte”, denuncia, lamentando que as escolas estejam sendo professores e caído aos pedaços. Francisco também diz que quando alguém adoce gravemente nas aldeias, só pode recorrer ao pajé. Não há meios de comunicação por rádio. A constante precariedade da estrada impede um tráfego constante. “Não passa viva alma quando precisamos de um carro para levar um doente até Rio Branco ou Boca do Acre”, lamenta.